

## A Metamorfose do Gigante Alemão – Subsídio para o Estudo da Receção da Unificação Alemã na Imprensa Periódica Portuguesa de Referência<sup>1</sup>

Ana Luísa Santos Freire Mouro

Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda (Universidade de Aveiro)

As transformações desencadeadas na Alemanha pela Queda do Muro de Berlim, bem como pela conseqüente união dos dois Estados alemães, a 3 de outubro do ano seguinte, tiveram ressonância excecional por todo o mundo. Acontecimentos contíguos, ambos redundaram inevitavelmente numa reestruturação da arquitetura política e ideológica de toda a Europa. A Reunificação Alemã foi, na verdade, recebida pelos restantes países europeus como *case-study* para a projetada Unificação Europeia. Nascia, assim, um intenso debate entre europeístas, por um lado, os quais olhavam a Reunificação Alemã como um passo determinante no caminho da construção de uma Europa democrática, e eurocéticos, por outro lado, os quais, não acreditando numa integração europeia, temiam o ressurgimento do “gigante” alemão. Portugal estava particularmente interessado nesta discussão, devido à sua posição periférica no contexto europeu. Torna-se assim interessante verificar de que forma estes acontecimentos foram acompanhados na imprensa periódica portuguesa de referência. Com este objetivo, foi analisada mais de uma centena de notícias, artigos de opinião, reportagens, entrevistas e editoriais, publicados de julho a dezembro de 1990 nos semanários *Expresso* e *O Independente*, e ainda no diário *Público*.

O *corpus* coligido revelou ter um profundo interesse histórico. Já em 1975, Helmut Kreuzer, teórico e investigador alemão no domínio da Literatura e dos *media*, registava a excelência deste tipo de textos, igualando-os aos literários, no que tocava

---

<sup>1</sup> O presente artigo constitui um resumo de uma parte da minha dissertação de Mestrado, subordinada ao tema *A Unificação Alemã na Imprensa Periódica Portuguesa de Referência*, que foi orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Maria Ramalheira e defendida na Universidade de Aveiro em Maio de 2008 (o principal arguente foi o Doutor Mário Mesquita). Este artigo insere-se no «Grupo de Estudos Culturais» do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLC), Unidade de I&D afeta à FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

simultaneamente o seu valor estético e histórico (*apud* Bohnenkamp e Schneider 2005, 38). A mesma perspectiva era partilhada por Rudolf Gerhardt, um professor de Estudos Jornalísticos, de quem vale a pena registar as seguintes palavras: “O jornalismo é literatura à pressa. [...] O jornalismo é uma profissão que, ao lado de toda a rapidez, exige uma imensa meticulosidade: superficialidade com profundidade”. (cf. Gerhardt 2001, 30)

Esta convicção de que os *media* pertencem ao domínio da Literatura torna oportuna a referência às reflexões desenvolvidas, a partir da década de sessenta, pelo teórico alemão Hans Robert Jauss, acerca da estética-literária (*Rezeptionsästhetik*). O autor demonstrava que um mesmo texto não possui um mesmo significado, nem para todos os leitores, nem em diferentes épocas (cf. Jauss 1982, 21), estando, na verdade, sujeito a factores extra textuais, como, por exemplo, as reações do leitor (cf. Jauss 1982, *passim*). Sob este ponto de vista, o texto literário liberta-se da questão material das palavras e ganha uma existência contemporânea, ou seja, recebe um significado específico, no momento em que é objecto de reflexão crítica e interpretação de um leitor (cf. Jauss 1982, 21). Jauss realçou este aspeto, tecendo o seguinte comentário: “o valor de uma obra literária não se produz pelas suas condições históricas e biográficas de produção, mas pelos critérios de receção por parte do público, de impressão entre os contemporâneos [...]” (cf. Jauss 1970, 12). Parafraseando Jauss, podemos afirmar que o processo de receção de um texto trata-se de um trabalho de produção subjetivo, que resulta do contexto histórico de cada observador (Jauss 1982, 21). O texto literário é interpretado de acordo com as expectativas, memórias e experiências do leitor (Jauss 1982, 23).

Foi precisamente neste exercício de leitura e interpretação dos textos coligidos que se procurou identificar as hetero e auto imagens que estariam por detrás das reações da opinião pública e dos grupos políticos à Unificação alemã. Impõe-se, neste contexto, um olhar sobre a Imagologia Comparada, uma ciência definida como a “investigação literária dentro do domínio da Literatura Comparada que tem como objeto de estudo as hetero e auto imagens das nações na própria Literatura, bem como em todos os campos da Literatura e da crítica literária” (Nünning 2004, 99). Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux sublinharam que a Imagologia Comparada visa “o estudo das imagens do estrangeiro num determinado texto, numa literatura ou mesmo cultura” (cf. Machado e Pageaux 2001, 48). Registaram ainda a importância do aparecimento, na

década de sessenta, dos *Cultural Studies*, uma disciplina que, por ter como objectivo o estudo da estrutura social, bem como a compreensão do mundo do “Outro” e os padrões culturais que modelam as percepções de cada indivíduo, levou os estudos literários a debruçarem-se sobre os respectivos contextos histórico-sociais (cf. Machado e Pageaux 2001, 49). Os autores explicavam que ao emitirmos um juízo sobre o “Outro”, estamos a dar a conhecer o nosso próprio mundo, já que é este que influencia a forma como olhamos para o que nos rodeia (cf. Machado e Pageaux 2001, 53): a cultura “que é olhada” (“culture regardée”) ganha a imagem que lhe é conferida pela cultura “que olha” (“culture regardante”) (cf. Machado e Pageaux 2001, 53). Também Walter Lippmann, jornalista, ensaísta, editor e crítico político americano, rejeitava a possibilidade de se construir uma imagem imparcial da realidade, uma vez que aquela resulta, na opinião do autor, dos costumes e perspectivas de cada indivíduo (*apud* Schramm 2000, 51). Em 1992, Lippman salientava na sua obra *Public Opinion* a influência que os *media* exercem sobre a opinião pública, acrescentando ainda que estes são as fontes mais férteis para o estudo de estereótipos (*apud* Nünning 2004, 253 e Buttlar 2006, 35).

Não podemos terminar esta breve reflexão sem antes referirmos o artigo “Medien, Kultur: Medienkultur. Ein konstruktivistisches Gesprächangebot” (1992), assinado pelo filósofo e investigador alemão Siegfried J. Schmidt e no qual os *media* são apresentados como “instrumentos da construção da realidade” (*apud* Bohnenkamp e Schneider 2005, 41, 42, 46). Como salientou Ansgar Nünning, Schmidt teve um importante contributo na criação do termo *Medienkulturwissenschaft* (Estudos culturais dos *media*), na medida em que demonstrou claramente a forte influência que os *media* exercem não só sobre as percepções, sentimentos, conhecimentos, comunicação, socialização, interação e pensamento da sociedade, mas também sobre a política, economia e propagação da informação (Nünning 2004, 163). Também o historiador e sociólogo Jérôme Bourdon destaca, na sua obra *Introduction aux Médias* (publicada em Português no ano de 2006, com o título *Introdução aos média*), o poder dos *media* para moldarem as consciências de diferentes grupos sociais (cf. Bourdon 2006, 10). A mesma perspectiva é partilhada pelo investigador alemão, na área dos meios de comunicação em massa, Knut Hickethier, que na sua obra *Einführung in die Kulturwissenschaft* (2003) tece o seguinte comentário: “Enquanto meios para a construção de identidade e, desta forma, também para a definição do indivíduo pelo mundo que o rodeia, os *media* servem para a auto-

definição do Homem [...]. Os discursos dos *media* produzem então um saber coletivo e influenciam deste modo a consciência quotidiana do Homem” (cf. Hickethier 2003, 238, 239). Ao debruçar-se sobre textos publicados na imprensa escrita, o presente artigo apoia-se, então, nas reflexões teóricas e metodológicas desenvolvidas no âmbito da *Medienkulturwissenschaft*.

Fundado em 1972<sup>2</sup> pelos jornalistas Francisco Pinto Balsemão e Augusto de Carvalho, bem como pelo jurista, docente universitário e destacado militante do PSD Marcelo Rebelo de Sousa, o semanário *Expresso* evidenciou-se enquanto projeto jornalístico que apostava no rigor informativo e na reflexão crítica. Na sua primeira edição, dada à estampa a 6 de Janeiro de 1973, é sublinhado no artigo “O julgamento que nos compete” o poder da imprensa para “vencer as barreiras da língua, da geografia e do tempo histórico e provocar o entendimento entre os mais e menos desenvolvidos, os agarrados ao passado e os que jogam no futuro, os “orgulhosamente sós” e os crentes na comunhão de interesses e de ideias dos povos, por mais estruturalmente diferentes que sejam” (Anónimo 1973, 8). A rejeição de “todas e quaisquer ligações – possíveis e fáceis, aliás, com o poder político e o poder económico”, bem como a ambição de “contribuir para que se alcançasse em Portugal a liberdade de informação” são também apresentadas no referido artigo como as suas principais linhas orientadoras (Anónimo 1973, 8).

Igualmente reconhecido no contexto da imprensa periódica portuguesa, *O Independente* foi fundado a 20 de Maio de 1988 pelos jornalistas Miguel Esteves Cardoso, que exercia as funções de diretor (hoje é cronista e escritor), Manuel Falcão, que exercia o cargo de subdiretor, e Paulo Portas, então diretor-adjunto do jornal (atualmente secretário-geral do Centro Democrático Social-Partido Popular [CDS-PP] e ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros). Distinguindo-se pelo seu estilo irreverente e criatividade estética no discurso jornalístico, *O Independente* surgiu como “uma lufada de ar fresco”, inovando um certo tipo de discurso que então grassava na imprensa periódica portuguesa (Reis 1993, 396). No seu Estatuto Editorial,

---

<sup>2</sup> Em 1972, Francisco Pinto Balsemão cria a empresa *Sojornal/Expresso*. Nos dias 18 e 30 de Dezembro desse mesmo ano, foram publicados dois números experimentais (nº 00 e nº 0) com o objectivo de dar a conhecer o estilo deste projeto. Só a 6 de Janeiro de 1973 surge o seu primeiro número destinado à venda ao público. Embora experimental, o nº 00 será tido em conta no presente estudo, uma vez que nele foi inserido um suplemento intitulado *Expresso – Novo Semanário: Para quê? Para quem?*, que dá a conhecer algumas das características do periódico, bem como informação acerca dos responsáveis pela fundação e concretização deste projeto.

valorizavam-se os conceitos de “Pátria”, “tradição” e “autoridade” (Anónimo 1988, 8). Assumindo-se como “democrata conservador”, este semanário sublinhava não acreditar na “neutralidade política” (Anónimo 1988, 8). Economicamente, acreditava ser necessário devolver à iniciativa privada os direitos que o Estado lhe nega[va]” (Anónimo 1988, 8). Refira-se que, muito embora tivesse continuado a destacar-se pelas suas publicações polémicas e irreverentes, *O Independente* manteve os seus tempos áureos apenas até ao final da primeira metade da década de 90, tendo o seu declínio culminado no encerramento da sua redação a 1 de Setembro de 2006. Para Manuel Falcão, esta circunstância ter-se-ia devido ao contexto político da época, marcado por um “regime [que] patrocina[va] o apoliticismo, o amorfismo, o criticismo e [que] enaltec[ia] o cizentismo” (Falcão 2006, 10).

Fundado a 5 de Março de 1990, o diário *Público*, que rapidamente conquistou o apreço da classe política, dos círculos intelectuais e dos meios empresariais, propunha-se “rasgar novos horizontes e introduzir um novo ritmo na imprensa portuguesa” (Direção do Público 1990, 17). Apostava na “criatividade editorial”, na “qualidade” sobre o “sensacionalismo” e numa “relação rigorosa e transparente” com os leitores (Anónimo 1990, 16). Este jornal ainda hoje mantém uma posição de destaque pela sua qualidade, sendo igualmente um dos periódicos mais lidos em Portugal.

A tendências que mais tinta fizeram correr nos periódicos supracitados, no âmbito da temática em apreço, merecem-nos agora especial atenção. É curioso notar que o debate acerca dos receios face ao Gigante alemão, bem como acerca da necessidade de garantir a Reunificação sob o “chapéu” da Europa foi o que maior destaque granjeou. Se, por um lado, a Alemanha era olhada como uma nação que então lutava pela “universalidade dos direitos do Homem, a confiança, a liberdade, a compreensão e a estabilidade entre os povos” (Presse- und Informationsamt der Bundesregierung 1992, 6), por outro, era igualmente alvo de profunda desconfiança. As memórias do passado recente, bem como o temor de que esta nação voltasse a ter veleidades de assumir um papel hegemónico na Europa surgiram sem qualquer reboço no semanário *Expresso*. Num dos artigos aí publicados, o articulista Luís Coelho<sup>3</sup> falava sobre uma “obcecante memória [...] dos tempos assassinos” e apoiava-se em Günter Grass, que, por sua vez, afirmava haver “elementos no carácter alemão [...] que desaconselha[va]m a reunificação” (Coelho

---

<sup>3</sup> Apesar de todos os esforços envidados, não foi possível apurar qualquer referência acerca do perfil profissional deste articulista.

1990, 12-R). O jornalista português acrescentava haver quem ainda reconhecesse nos alemães “uma ancestral selvajaria”, temendo que “os caninos [que] lhes foram limados” pudessem “voltar a crescer”. Muito embora salientasse algumas perspectivas mais otimistas, que lembravam que a Reunificação seria económica e não militar, Luís Coelho não deixa de admitir que o passado não permitia “entusiasmos levianos” (Coelho 1990, 13-R). Também no *Expresso*, o jornalista Daniel Ribeiro<sup>4</sup> assina um artigo sintomaticamente intitulado “Os fantasmas dos franceses”, no qual sublinhava a apreensão de Jacques Delors, então Presidente da Comissão da CEE, perante a presença da Alemanha unificada, “um estado forte”, “no meio desta Europa mole [...]” (Ribeiro 1990, B5). Ainda no semanário *Expresso*, Maria Teresa Guerreiro<sup>5</sup> fez-se especialmente eco das contundentes declarações do britânico Nicholas Ridley, então Ministro do Comércio e Indústria do Governo de Margaret Thatcher, que, agitando o fantasma nazi, definia “o apoio de Bona à União Monetária europeia como sendo «tudo uma negociata alemã para se apoderar de toda a Europa»” (Guerreiro 1990, B3).

No jornal *Público* ganharam igualmente relevo os receios generalizados em relação à perspectiva de uma Alemanha reunificada. O articulista Rogério Martins<sup>6</sup> expunha, no dia 1 de julho de 1990, uma imagem muito disfórica da nova Alemanha “rica, organizada, decidida”, “a maior potência europeia”, que se erguia como “colosso” “pujante”, sem “contrapeso” e que “faz[ia] medo” (Martins 1990, 21). Rogério Martins fala de uma Alemanha inteligente, que usaria a sua integração no seio da Europa como “manobra” para alcançar o “seu objetivo primordial, um Estado reunificado e com plena soberania.” (Martins 1990, 21). Dois dias mais tarde, o professor universitário João Carlos Espada<sup>7</sup>, conhecido especialista em Ciência Política e atual diretor da reputada

---

<sup>4</sup> Daniel Ribeiro estudou Direito Comparado no Instituto de Direito Comparado em Paris. Deu início à sua carreira jornalística no ano de 1979. Presentemente é correspondente em Paris, função que desempenha desde 1980 em diversos *media*. Fez diversas reportagens um pouco por todo o mundo, desde Timor a Moçambique, passando pela Bósnia, a Albânia e a Guiné Bissau. Curiosamente, esteve na Alemanha por ocasião da queda do Muro de Berlim. Agradeço a informação que me foi gentilmente cedida pelo próprio Daniel Ribeiro.

<sup>5</sup> Ainda que tenham sido estabelecidos inúmeros contactos com a redação daquele periódico, não foi possível apurar qualquer referência acerca do currículo profissional desta articulista.

<sup>6</sup> Não obstante os esforços envidados, não logrei obter outras informações sobre o currículo profissional de Rogério Martins.

<sup>7</sup> João Carlos Espada doutorou-se no St. Antony’s College, em Oxford, na área da Ciência Política. A docência ligou-o às universidades de Standford, Brown e Georgetown. Presentemente, é Professor Catedrático na Universidade Católica Portuguesa, ocupando também o lugar de Diretor do Instituto de Estudos Políticos desta mesma universidade, e colunista do semanário *Expresso*. Foi sócio fundador da Associação Portuguesa de Ciência Política e é Diretor da revista *Nova Cidadania*. O periodismo norte-



revista *Nova Cidadania*<sup>8</sup>, sublinhava que a solução passaria por “ ancor[ar a Alemanha] solidamente ao Ocidente”, criando mecanismos capazes de “ limit[ar] as suas tendências malignas e foment[ar] as suas tendências benignas” (Espada 1990, 15). Em sua opinião, o poder alemão devia ser “ domesticado” através de regras e instituições internacionais (Espada 1990, 15). Em entrevista ao *Público* no dia 5 de março de 1990, Alfred Grosser, politólogo, sociólogo e historiador francês de origem alemã, afirmava, pelo contrário, que o medo face à Reunificação Alemã era “ muito irracional”, defendendo que a união dos dois Estados alemães contribuiria para uma Europa mais forte, capaz de igualar ou mesmo superar o poder do Japão. Por seu turno, Francisco Lucas Pires<sup>9</sup>, na época destacado militante no CDS/PP, afirmava, no mesmo número daquele periódico, acreditar que “ os passos a dar seriam tanto mais seguros para todos, quanto mais a Reunificação Alemã fosse pensada como parte da reunificação da própria Comunidade Europeia” (Pires 1990, 41). A integração da Reunificação Alemã nos parâmetros comunitários da CEE permitiria, na opinião deste falecido juriconsulto, professor

---

americano conta igualmente com o seu contributo, enquanto membro do Conselho editorial da revista *Journal of Democracy*. Vale a pena referir ainda que é presidente da secção portuguesa da organização canadiana *International Churchill Society*. É consultor para os Assuntos Políticos do Presidente da República.

(<http://www.iep.lisboa.ucp.pt/resources/Documents/Instituto/Corpo%20Docente/João%20Carlos%20Espada.pdf> [em 24.11.2011])

<sup>8</sup> Fundada pelos professores universitários João Carlos Espada (Diretor) e Mário Pinto (Presidente), bem como pelo jurista e político José Luís Nogueira de Brito (Administrador), a revista *Nova Cidadania*, que viu o seu primeiro número publicado em 1999, visava “ alterar a atmosfera intelectual dominante”. Apresentava como principal objectivo o combate ao défice de reflexão e de debate intelectual de qualidade e com expressão escrita”, que na opinião daqueles que, ainda hoje, integram o seu Conselho Editorial (como Nuno Crato, atual Ministro da Educação, do Ensino Superior e da Ciência, de António Bagão Félix, membro do Conselho de Estado desde 2011, ou Zita Seabra, ex-deputada parlamentar) claramente se havia instalado em Portugal. A *Nova Cidadania* reprovava o “ acriticismo da comunicação social”. Em termos políticos, nunca assumiu um orientação particular e as temáticas que sempre tem vindo a trazer a lume assentam nos “ grandes desafios de viragem do século e do milénio”, como, por exemplo, o “ impacto da revolução da informação e das biotecnologias, o desafio da globalização, as grandes reformas do Estado Social [...], os tremendos problemas do ensino, o magno problema da exclusão social de como voltar a criar mais oportunidades para todos”. Merece obviamente especial atenção nesta publicação periódica a “ questão europeia” (Cf. <http://www.novacidadania.pt> [em 16.03.2012]).

<sup>9</sup> Doutorada pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Francisco Lucas Pires (1944-1998) conheceu de perto a cultura e o povo alemães, tendo sido bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em Tubingen, na ex-RFA. No que toca a sua carreira política, há a referir o facto de ter sido o primeiro Vice-Presidente português do Parlamento Europeu, cargo que ocupou entre 1986 e 1987. Foi Ministro da Cultura e da Coordenação Científica entre 1982 e 1983. Nos dois anos seguintes foi Presidente do CDS, Partido do qual se demitiu em 1991. Entre os seus vários livros, contam-se *Tratados que Instituem a Comunidade e a União Europeias* (1994), *Os Novos Direitos dos Portugueses* (1994), *O que é a Europa* (1994), *Portugal e o Futuro da União Europeia* (1995), *Regionalização e Europa* (1996), *Schengen e a Comunidade de Países Lusófonos* (1997) e *Introdução ao Direito Constitucional Europeu* (1997). ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Lucas\\_Pires](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Lucas_Pires) [em 24.11.2011] e <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=lucpires> [em 16.03.2012])

universitário e dirigente político português, a “diluição do germanismo”. Impunha-se, deste modo, uma construção europeia capaz de integrar, mas principalmente de conter o poder desta nova Alemanha emergente. No editorial da edição de 1 de julho de 1990, exatamente o dia da União monetária alemã, o então diretor do *Público* José Manuel Fernandes<sup>10</sup> rejeitava os receios dos “pessimistas”, explicando não estar provado que a “forma de ser germânica, disciplinada, severa e obediente, tão diferente da alma latina”, fosse “mais vulnerável à tentação totalitária”. José Manuel Fernandes realçava que “os pesadelos que a Alemanha protagonizou” só tinham sido “possíveis porque contaram com a cumplicidade passiva das democracias ocidentais” (Fernandes 1990, 3).

Refira-se, a título de curiosidade, que, vinte e um anos após a Reunificação Alemã e no contexto da atual crise económica, José Manuel Fernandes retoma, também no *Público*, o mesmo debate em torno dos receios face ao gigante alemão, lembrando que “em momentos de pânico” como “o que hoje vivemos”, “é fácil alimentar suspeições e acordar fantasmas” (Fernandes 2011, 31). Citando o general Loureiro dos Santos, para quem “a Alemanha de Merkel está a conseguir, pela via económica, o que não conseguiu pela guerra, com o Kaiser e com Hitler”, bem como o inglês Simon Heffer, que afirmou estarmos “a assistir ao nascimento de um Quarto *Reich*”, José Manuel Fernandes salienta o perigo de “acordar demónios adormecidos” (Fernandes 2011, 31).

Após a Reunificação Alemã, a 4 de outubro de 1990, a então jornalista d *O Independente* Mónica Bello<sup>11</sup>, na tentativa de contrariar as vozes mais pessimistas, colocava em evidência o pedido de Helmut Kohl endereçado ao povo alemão: “peço que mostrem ao Mundo que somos merecedores desta liberdade. A Alemanha é a nossa pátria e uma Europa unida é o nosso futuro” (Bello 1990, 29).

---

<sup>10</sup> Presentemente diretor da revista *XXI, Ter Opinião*, abandonou, em 1989, a sua função enquanto redator do *Expresso*, para colaborar na fundação do diário *Público*. Em 2009, deixou o cargo de Diretor deste mesmo jornal, continuando, no entanto, a assinar regularmente uma coluna com o título *Extremo Ocidental*. É autor de vários livros e foi agraciado com vários prémios ao longo da sua carreira. ([http://pt.wikipedia.org/wiki/José\\_Manuel\\_Fernandes](http://pt.wikipedia.org/wiki/José_Manuel_Fernandes) [em 24.11.2011]).

<sup>11</sup> Em 1988, a jornalista e investigadora Mónica Bello dá início à sua carreira no semanário *O Independente*. Em 1993, entra para a revista mensal *Grande Reportagem*, onde ocupa o cargo de Diretora Adjunta. Cinco anos mais tarde, regressa ao jornal *O Independente*, também como Diretora Adjunta, e em 2001 desenvolve atividade jornalística como *freelancer*. Em fevereiro deste mesmo ano, lança um livro intitulado *A Costa dos Tesouros*, da editora Círculo de Leitores, que se debruça sobre o património arqueológico subaquático. Agradeço à própria Mónica Bello a informação curricular que gentilmente me cedeu.



Curiosamente, em 2011, numa entrevista conduzida por Filipe Santos Costa<sup>12</sup> a Paulo Portas surge de novo a imagem de uma Alemanha empenhada no projeto europeu. Com efeito, Paulo Portas realçou que a Alemanha do século XXI se rege por “princípios sãos” (Costa 2011, 5). Naquele mesmo ano, Daniel do Rosário, atual correspondente do mesmo semanário em Bruxelas, refere-se à grande potência económica europeia como “a nova amiga da Europa” (Rosário 2011, 4) e o especialista em Ciência Política Miguel Monjardino<sup>13</sup>, também colunista do *Expresso*, afirma que a Alemanha é “a potência indispensável” do Velho Continente (Monjardino 2011, 35).

O debate em torno da derrota do “Socialismo real” e o apelo a uma “terceira via”, isto é, a manutenção de uma alternativa ao capitalismo, foram igualmente amplamente tratados na imprensa periódica portuguesa. Na verdade, forte foi a convicção de que urgia refletir sobre o futuro da Esquerda europeia. N’ *O Independente*, João Amaral<sup>14</sup>, então destacado militante do Partido Comunista Português (PCP), criticava a reação dos “comunistas” alemães à Reunificação nos seguintes termos:

Os comunistas [...] fogem da reunificação como o diabo da cruz. Só lhe descobrem erros, prejuízos e enfermidades. Não parecem sequer pensar que ela seja irreversível e continuam a proclamar, contra os valores do Ocidente, os velhos princípios do Leste. Como se, forte e feio, o Muro permanecesse de pé. (Amaral 1990, 19)

---

<sup>12</sup> Jornalista redator do jornal *Expresso* desde 2006, tem dedicado os seus artigos a questões associadas à política nacional. Colaborou já com outros periódicos portugueses como *O Independente* ou o *Semanário*. (<http://www.wook.pt/authors/detail/id/39832> [em 24.11.2011]).

<sup>13</sup> Para além de colunista no *Expresso*, Miguel Monjardino colabora com a SIC-Notícias e a TSF-Rádio Notícias enquanto analista de política internacional. É Professor-Convocado de Segurança Internacional no Instituto de Estudos Políticos e de Geopolítica Geoestratégia na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. (<http://www.ucp.pt/site/resources/documents/IEP/Pós-Graduação,%20Mestrado%20e%20Doutoramento/CVs%20Docentes/CV%20Mestre%20Miguel%20Monjardino%20d.pdf> [em 24.11.2011]).

<sup>14</sup> João Amaral foi membro do Partido Comunista Português (PCP) desde 1967. Em 1980, foi eleito Deputado à Assembleia da República, cargo para o qual foi reeleito em 1983, 1985, 1987, 1991, 1995 e 1999. Colaborou com vários órgãos de comunicação social como a estação radiofónica TSF, o jornal *Expresso* e o canal de televisão SIC Notícias. As suas dissidências com o PCP, alimentadas pela ânsia de um novo rumo para o Partido, que fosse capaz de criar uma verdadeira alternativa à esquerda, culminaram no seu afastamento das listas do Partido para as eleições legislativas a serem realizadas em 2002. Nesse mesmo ano, publica *Rumo à Mudança*, uma obra que reiterava a sua convicção quanto à inevitabilidade da renovação do PCP. João Amaral morre a 10 de janeiro de 2003. Em novembro de 2005, é publicado um conjunto de testemunhos sobre a sua vida e obra, organizado por Luísa Gueifão Ferreira. Um desses testemunhos foi assinado pela jornalista Judite de Sousa, que define o político como “inconformado, persistente e corajoso”, na medida em que “desejava construir uma espécie de nova casa comum dos comunistas que apresentasse as bases do compromisso político para o exercício responsável do poder. Ele não receava a ideia de mudança. (Sousa 2005, 107-108).

Aquando da queda do Muro, Joaquim Pina Moura<sup>15</sup>, na altura também dirigente do PCP, fazia igualmente um balanço crítico do significado político da Reunificação Alemã:

Na hora dolorosa e naturalmente angustiante, por milhões de cidadãos que em todas as latitudes sinceramente se bateram pelos ideais de Outubro, parece da mais elementar honestidade política reconhecer que falhámos e errámos no caminho que durante décadas apresentámos como alternativo à organização capitalista da vida social. (Moura 1990, 6)

Um destacado membro da Plataforma Democrática soviética, Vladimir Lissenko, afirmava então igualmente em entrevista ao jornal *Expresso*, que o “povo [se tinha tornado] totalmente alérgico ao comunismo e ao socialismo” e assegurava “ser necessário um partido político que não jog[asse] com os “ismos” mas prop[usesse] um programa real e construtivo para a resolução dos problemas sociais [...]” (Anónimo 1990, B2).

Esta questão em torno da inevitabilidade de reequacionar a esquerda socialista é também abordada pelo investigador, ensaísta e universitário português Manuel Villaverde Cabral<sup>16</sup>, que, no *Público* se refere com perplexidade num dos seus artigos à recusa dos comunistas de aceitarem a vitória inquestionável do capitalismo:

Parece mentira, mas não é. Um ano depois da queda do muro de Berlim, é chocante, embora útil, verificar que continua de pé a muralha ideológica do socialismo, sempre pronto a trocar a liberdade pela promessa de um naco de pão. [...] A ideologia anticapitalista continua a projetar uma sombra escura sobre o destino da esquerda democrática. É pena. (Cabral 1990, 17)

---

<sup>15</sup> Um ano após ter escrito o artigo em apreço, Joaquim Pina Moura abandona o PCP e adere, em 1992, ao projeto político Plataforma de Esquerda, fundado também por outros dissidentes do PCP, como Miguel Portas, Daniel Oliveira, José Barros Moura, José Magalhães e João Maria de Freitas Branco. Em 1995, integra o Partido Socialista, que se afirmava na época como defensor do “socialismo democrático”. Em entrevista ao jornal *Expresso*, assume e explica aquela opção como um desvio social-democrata: “[...] nós rompemos com o ideário comunista e o processo que procuramos desenvolver e que foi derrotado foi uma evolução de sentido social-democrata no PCP. Para usar o léxico comunista, assumimos um desvio social-democratizante.” (Silva 1998, 1,6).

<sup>16</sup> Doutorado em História, Manuel Villaverde Cabral funda, em 1984, com João Carlos Espada e José Pacheco Pereira, o Clube de Esquerda Liberal, um grupo constituído por pensadores políticos que se haviam desvinculado da esquerda revolucionária para passarem a apoiar o liberalismo, a economia de mercado e a social-democracia. O contributo de Manuel Villaverde Cabral para as áreas da Sociologia e da Ciência Política valeu-lhe a atribuição da Ordem da Liberdade (uma Ordem honorífica atribuída pela República Portuguesa para distinguir serviços prestados em nome dos valores da civilização) e das Palmes Académiques (uma condecoração atribuída pela República Francesa para marcar um notável contributo para a Educação) ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel\\_Villaverde\\_Cabral](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Villaverde_Cabral) [em 28.12.2011]).

Dialogando com Manuel Villaverde Cabral, a 12 novembro de 1990, Eduardo Prado Coelho<sup>17</sup> colocava a questão noutros termos, falando de um “capitalismo temperado”. Na opinião deste professor universitário e ensaísta, não existiria um modelo socialista, mas sim “valores socialistas que tempera[va]m e modera[va]m o modelo capitalista” (Coelho 1990, 17). No âmbito desta discussão, ganha ainda especial interesse o facto de João Carlos Espada explorar sabiamente no *Público* a convicção de muitos intelectuais de que era necessária uma alternativa ao sistema capitalista, ainda que não houvesse qualquer perspetiva acerca das linhas orientadoras desta tão aclamada, mas incerta, “terceira-via” (Espada 1990, 19-20).

A ideia de que a ruína do “Socialismo real” era irremediável foi acompanhada na imprensa portuguesa pela convicção de que a Reunificação estava longe de se tratar de uma união. Debrucemo-nos sobre a perspetiva do jornalista d’*O Independente* João Viegas Soares<sup>18</sup>, que revela entender este processo como uma “absorção”, ou seja, uma inevitável “integração de um sistema socialista e falido num modelo capitalista e milionário” (Soares 1990, 27). Ainda n’ *O Independente* de 4 de outubro de 1990, a jornalista Mónica Bello<sup>19</sup> sublinhava a incapacidade de autossobrevivência da RDA, afirmando que, na noite de 2 para 3 de outubro, se tinha enterrado aquele Estado, todos os seus símbolos haviam sido apagados e o sentimento que se instalava não era de saudade, mas sim de alívio (cf. Bello 1990, 28).

A tese da capitulação total da RDA, surgiu igualmente no *Expresso*, um dia mais tarde, quando o jornalista e comentador político José António Saraiva<sup>20</sup> defendeu que só

---

<sup>17</sup> Doutorado em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Eduardo Prado Coelho (1944-2007) exerceu funções docentes no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa. Enquanto pensador e ensaísta, publicou várias obras, como, entre outras, *Estudos Literários*, *Mecânica dos Fluidos*, *Diálogos sobre a Fé* (com D. José Policarpo) ou *Nacional e Transmissível*. Escreveu regularmente crónicas na imprensa periódica portuguesa, em especial no diário *Público*. Ocupou o cargo de Diretor-Geral de Ação Cultural no Ministério da Cultura após o 25 de Abril, foi Diretor do Instituto Camões em Paris, bem como membro de organizações como o Instituto do Cinema Audiovisual e Multimédia, o Conselho de Opinião da Radiotelevisão Portuguesa ou o Centro Cultural de Belém. Em 2004, foi distinguido com o Grande Prémio de Crónica João Carreira Bom. (cf. <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=7717> [em 24.11.2011])

<sup>18</sup> João Viegas Soares pertence atualmente ao Conselho de Administração do *Jornal de Notícias*.

<sup>19</sup> Vd. *supra* p. 4.

<sup>20</sup> José António Saraiva, nascido em 1948, frequentou a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, formando-se em Arquitetura no ano de 1973. Foi, no entanto, como jornalista e comentador político que granjeou maior notoriedade, sendo galardoado em 2004 com o prémio “Luca de Tena” de Jornalismo. Ao

simpaticamente se podia falar de Reunificação. Na sua opinião, este conceito nada tinha a ver com a realidade. Antes se deveria falar de uma anexação, “Anschluss”, da RDA pela RFA (Saraiva 1990, A10). No mesmo sentido, a jornalista Catherine Field,<sup>21</sup> que viveu em Berlim e que fez a cobertura da Unificação Alemã para o *The New Zealand Herald*, enfatizava que “a Alemanha [...] unificada no papel esta[va] longe de ser uma em espírito” (Field 1990, B3). A par destes jornalistas, Carlos Santos Pereira<sup>22</sup>, especialista na cobertura de conflitos políticos e militares, falava no *Público*, a 3 de outubro de 1990, de uma “capitulação absoluta e incondicional” da RDA, dando, no entanto, simultaneamente a conhecer o sabor “amargo” que, ainda que impercetível para alguns, se encontrava por detrás dos festejos (Pereira 1990, 2-3). Carlos Santos Pereira partilhava da opinião de que se verificava a existência de um “muro interior” que, contrariamente ao muro de betão, continuava a dividir o povo alemão:

Os “patrões” da Alemanha capitalista desembarcaram ali de mangas arregaçadas, decididos a não perder tempo e a pôr ordem na casa, muitas vezes sob os resmungos dos “zonies”, irritados com a súbita interrupção destes novos empresários autoritários e convencidos de que sabem tudo. Na prática, a unificação da Alemanha pouco ou nada tem a ver com a união de dois países, antes lembraria a história do tio rico que decidiu a certo ponto tomar conta e pôr ordem na vida do sobrinho pobre, perdido e vagabundo. (Pereira 1990, 19)

No jornal *Expresso*, a conhecida jornalista Luísa Meireles<sup>23</sup> partiu desta metáfora do “muro” para se referir à fraturante questão do aborto, “um «assunto de mulheres»“, que

---

longo da sua carreira, colaborou ainda com periódicos como *Comércio do Funchal*, *Diário de Lisboa*, *República*, *Opção*, *A Bola*, *A Luta*, *Portugal Hoje*, *Vida Mundial*, *Espaço T Magazine*, *Baluartes* e *Diário de Notícias*. Foi diretor do jornal *Expresso* de 1985 a 2006. Presentemente dirige o semanário *Sol* ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Ant%C3%B3nio\\_Saraiva](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Ant%C3%B3nio_Saraiva) [em 20.12.2011]).

<sup>21</sup> Catherine Field tem dedicado o seu trabalho jornalístico à cobertura de assuntos políticos e económicos europeus (cf. [http://www.nzherald.co.nz/opinion/news/article.cfm?c\\_id=466&objectid=10774906](http://www.nzherald.co.nz/opinion/news/article.cfm?c_id=466&objectid=10774906) [em 19.03.2012]). Sobre esta jornalista não foi possível apurar mais informações.

<sup>22</sup> Carlos Santos Pereira, licenciado em História, tem dedicado a sua carreira jornalística à cobertura de conflitos políticos e militares. É autor de vários livros, nomeadamente *A Gesta do Príncipe Igor*, *Guerras da Informação – Militares e Media em Cenários de Crise*, *Da Jugoslávia à Jugoslávia: os Balcãs e a Nova Ordem Europeia*, *Os Novos Muros da Europa: A Expansão da NATO e as Oportunidades Perdidas do Pós-guerra Fria* e *António de Spínola e Amílcar Cabral: Uma Encruzilhada de Destinos*. Acompanhou, como repórter, o processo de transformação da Europa de Leste. (<http://www.wook.pt/authors/detail/id/8545> [em 23.12.2011]).

<sup>23</sup> Licenciada pela Faculdade de Direito de Lisboa, Luísa Meireles abandonou a advocacia para se dedicar ao jornalismo. Como enviada especial, cobriu os anos do fim da União Soviética e a transição de regimes em todo o centro e leste europeu, incluindo as guerras dos Balcãs. Especializou-se nas áreas de Defesa e Segurança e Assuntos Europeus. Em 2005 termina a sua pós-graduação em Estudos Europeus pelo

se havia transformado em “objecto de políticas de Estado” (Meireles 1990, 19). Carlos Martins<sup>24</sup> debruça-se sobre esta questão, referindo que a legislação sobre o aborto teria sido um dos “principais obstáculos à assinatura [...] do Tratado de Unificação das duas Alemanhas”, lembrando que na RDA, contrariamente ao que se verificava no Estado irmão, o aborto era livre durante os três primeiros meses de gravidez (Martins 1990, B1). Pode imaginar-se que não terá sido inócua a forma como os jornalistas portugueses se debruçaram sobre esta discussão, parecendo querer desencadear um debate sobre a também complexa realidade portuguesa. Se, n’ *O Independente*, esta questão é ignorada, no *Público* ganha especial evidência. Maria Ermelinda Pedrosa<sup>25</sup>, correspondente daquele diário em Bona, sublinhava o facto de a ameaça do desemprego trazida pela economia de mercado ter levado as alemãs orientais a acorrerem às clínicas de Berlim Leste para abortarem, enquanto a lei o permitia (Pedrosa 1990, 25). Definindo as mulheres alemãs orientais como “menos submissas” e “mais independentes”, a jornalista Lina de Lonet Delgado<sup>26</sup> chamava a atenção para a “perda notável na [...] qualidade de vida” das mulheres da Alemanha de Leste e o “recuo na sua autodeterminação e independência”. Para Lina de Lonet Delgado, a união das duas “Alemanhas” havia posto travão ao caminho emancipador percorrido durante décadas pelas mulheres da ex-RDA (Delgado 1990, 22). Ainda que subliminarmente, a forma como estes jornalistas se fizeram eco do debate gerado nas “Alemanhas” em torno desta questão terá de algum modo chamado também a atenção de muitos leitores para a situação do aborto em Portugal.

Julgo ser inevitável concluir que a união dos dois Estados alemães foi alvo de análise circunstanciada nas três publicações periódicas escolhidas. Parece-me, contudo, necessário sublinhar que muito embora o *Expresso*, o *Público* e *O Independente* tivessem tratado de aspetos comuns, estes foram por vezes alvo de abordagens distintas, de algum modo consentâneas com a linha de orientação editorial e política de cada jornal. Esta realidade é claramente constatada no que toca a discussão em torno da derrocada do “socialismo real”. Muito embora todos os artigos vindos a lume sobre esta temática tenham demonstrado uma tendência para apresentar o capitalismo como a

---

Instituto de Estudos Europeus da Universidade Católica de Lisboa. Agradeço a informação gentilmente cedida por Luísa Meireles.

<sup>24</sup> Carlos Martins colaborou com o semanário *Expresso* enquanto correspondente em Bona.

<sup>25</sup> Na pesquisa efetuada, foi apenas possível apurar que Maria Ermelinda Pedrosa colaborou com diferentes jornais, como o *Público* e o *Jornal de Notícias*, enquanto correspondente na Alemanha.

<sup>26</sup> Não foi possível recolher qualquer informação acerca do currículo profissional desta articulista.

alternativa ao moribundo modelo socialista, no *Expresso* e no *Público*, é adotada a tese de que o fracasso desta ideologia não significava necessariamente a sua extinção, mas antes um passo necessário no seu processo evolutivo. O mesmo se verificou na abordagem do tema da união dos dois países. Se, no democrata conservador *O Independente*, a integração da RDA na RFA surgia como um processo inevitável, necessário e milagroso, no *Expresso* e no *Público* era apresentado como uma necessária capitulação, mas que deixava um “sabor amargo” (Pereira 1990, 2-3). Curiosamente, a discussão em torno da emancipação feminina esteve, neste contexto, ausente das páginas d’ *O Independente*. Interessa ainda registar que o debate acerca do sentimento ambíguo de muitos cidadãos, bem como a controvérsia acerca do conceito de “muro interior” também só são explorados nos jornais *Público* e *Expresso*.

A questão dos receios generalizados face ao “Gigante alemão” ganhou igualmente contornos ligeiramente diferentes nos três periódicos. Se, por um lado, os textos vindos a lume n’ *O Independente* salientavam a apreensão dos países europeus face ao agigantar da Alemanha na Europa, logo era contraposta uma imagem positiva desta nação, lembrando o seu empenho na estabilidade europeia. Os artigos publicados no *Expresso* e no *Público* manifestaram a tendência para tratar o tema de forma mais prudente, chamando a atenção para a necessidade de acautelar “entusiasmos levianos” (Coelho 1990, 13-R) e de ancorar o “colosso” (Martins 1990, 21) à Comunidade Europeia. Curiosamente, duas décadas mais tarde, perante a crise económica instalada na “zona euro”, ressurgem os fantasmas do passado, bem como os receios de que a União Europeia, em vez de se ter configurado como o colete de forças político da Alemanha, se tenha revelado antes como a alavanca para a projeção do seu poder e influência. Em 1990, a Reunificação Alemã apresentava-se como um passo decisivo do Velho Continente em direção a uma nova era. Hoje, a Alemanha mantém um lugar de destaque, dependendo das suas opções políticas e económicas a reconfiguração da Europa. Foi, na verdade, longo e acidentado o caminho da Europa desde a unificação da Alemanha até à grave crise económica que hoje ameaça seriamente o chamado Projeto Europeu. Será que agora, como muitos afirmam, o futuro da Europa se encontra mesmo nas mãos da chanceler alemã Angela Merkel, uma mulher que, curiosamente, viveu na Alemanha Oriental até à queda do Muro de Berlim?



## Referências bibliográficas

- Anónimo. 1973. O julgamento que nos compete. *Expresso*, nº 1, 6 de Janeiro, 8.
- Anónimo. 1988. Estatuto Editorial. *O Independente*, nº 1, 20 de Maio, 8.
- Anónimo. 1990. Estatuto Editorial, *Público*, nº 1, 5 de Março, 16.
- Anónimo. 1990. É impossível reformar o PCUS a partir do interior. *Expresso*, n.º 923, 7 de Julho, B2.
- Amaral, João. 1990. A vitória cola a Kohl. *O Independente*, n.º 125, 30 de Novembro, p. 19.
- Bello, Mónica. 1990. A 25ª Hora. *O Independente*, n.º125, 4 de Outubro, 28-29.
- Bohnenkamp, Björn, e Schneider, Irmela. 2005. Medienkulturwissenschaft. In: Claudia Liebrand, et al. (Hrsg.), *Einführung in die Medienkulturwissenschaft*. Münster: LIT Verlag, 35-48.
- Bourdon, Jérôme. 2006. *Introdução aos Media* (Trad. port. de Manuela Antunes). Lisboa: Campo das Letras.
- Buttlar, Cary von. 2006. *Das vereinigte Deutschland in der überregionalen Presse Frankreichs 1989 bis 1994*. Berlin: Duncker & Humblot.
- Cabral, Manuel Villaverde. 1990. A sombra do comunismo. *Público*, n.º 242, 1 de Novembro, 17.
- Coelho, Eduardo Prado. 1990. Por uma esquerda sem sombra, *Público*, n.º 253, 12 de Novembro, 17.
- Coelho, Luís. 1990. Dois passatempos alemães. *Expresso – Revista*, n.º 935, 29 de Setembro, 12R-13R.
- Costa, Filipe Santos. 2011. Entrevista – Paulo Portas. *Expresso*, n.º 2030, 24 de Setembro, 5.

- Delgado, Lina de Lonet. 1990. Mulheres da ex-RDA: menos submissas, mais independentes”. *Público*, n.º 252, 19 de Novembro, 22.
- Direção do *Público*. 1990. Nasceu um jornal. *Público*, n.º 1, 5 de Março, 17.
- Espada, João Carlos. 1990. E depois do comunismo. *Público – Suplemento Especial*, n.º 1, 5 de Março, 19-20.
- Espada, João Carlos. 1990. Nós, a Alemanha e a Europa. *Público*, n.º 121, 3 de Julho, 15.
- Falcão, Manuel. 2006. Um regime perigoso. *O Independente*, n.º 955, 1 de Setembro, 10.
- Fernandes, José Manuel. 1990. A Europa e a Alemanha – Editorial. *Público*, n.º 119, 1 de Julho, 3.
- Fernandes, José Manuel. 2011. Às vezes parecemos umas baratas tontas. *Público*, n.º 7804, 19 de Agosto, 31.
- Field, Catherine. 1990. Muro de Berlim – Ódio e tensão 1 ano depois. *Expresso*, n.º 941, 10 de Novembro, B1, B3.
- Gerhardt, Rudolf. 2001. *Lesebuch für Schreiber: Vom journalistischen Umgang mit der Sprache. Ein Ratgeber in Beispielen*. Frankfurt am Main: F.A.Z.-Institut für Management-, Markt- und Medieninformationen.
- Guerreiro, Maria Teresa. 1990. Ministro fustiga alemães e CEE. *Expresso*, n.º 924, 14 de Julho, B3.
- Jauss, Hans Robert. 1970. *Literaturgeschichte als Provokation*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Jauss, Hans Robert. 1982. *Toward an Aesthetic of Reception* (Translation by Timothy Bahti). Brighton: Harvester Press.
- Machado, Álvaro Manuel e Pageaux, Daniel-Henri. 2001. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martins, Carlos. 1990. Unidade alemã assinada em Berlim. *Expresso*, n.º 931, 1 de Setembro, B1.
- Martins, Rogério. 1990. A nova era da Europa. *Público*, n.º 119, 1 de Julho, 21.

- Meireles, Luísa *et al.*.1990. Leste: a cruzada antiaborto. *Expresso*, n.º 936, 5 de Outubro, B9.
- Monjardino, Miguel. 2011. A potência indispensável. *Expresso*, n.º 2031, 1 de Outubro, 35.
- Moura, Joaquim Pina. 1990. O que resta da Revolução. *O Independente*, n.º 130, 9 de Novembro, 6.
- Nünning, Ansgar (Hrsg.). 2004. *Grundbegriffe der Literaturtheorie*. Stuttgart, Weimar: J.B. Metzler.
- Pedrosa, Maria Ermelinda. 1990. Aborto desune RFA e RDA. *Público*, n.º 133, 15 de Julho, 25.
- Pereira, Carlos Santos. 1990. Berlim-Leste: crónica de uma morte sem glória. *Público*, n.º 213, 10 de Outubro, 2-3.
- Pereira, Carlos Santos.1990. Alegria e apreensão no reencontro de uma nação. *Público*, n.º 216, 6 de Outubro, 18-20.
- Pires, Francisco Lucas. 1990. Portugal no novo século europeu. *Público – Suplemento Especial*, n.º 1, 5 de Março, 40-45.
- Presse- und Informationsamt der Bundesregierung (Hrsg.). 1992. *Von der Spaltung zur Einheit – 1945-1990: Eine Deutsche Chronik in Texten und Bildern*. Bonn: Presse- und Informationsamt der Bundesregierung.
- Reis, António (Coord.). 1993. *Portugal: 20 Anos de Democracia*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Ribeiro, Daniel. 1990. Os fantasmas dos franceses. *Expresso*, n.º 936, 5 de Outubro, B5.
- Rosário, Daniel do. 2011. Alemanha, a nova amiga da Europa. *Expresso*, n.º 2029, 17 de Setembro, 4.
- Saraiva, José António. 1990. Anschluss – Editorial. *Expresso*, n.º 936, 5 de Outubro, A10.
- Schramm, Julia. 2000. *Die deutsche Einigung 1989-1990 aus der Sicht ausgewählter Schweizer Tageszeitungen*. Münster: LIT.

Silva, Ângela. 1998. Assumi um desvio social-democrata. *Expresso*, n.º 1364, 19 de Dezembro, 1, 6.

Soares, João Viegas. 1990. A Dieta Milagrosa. *O Independente*, n.º 112, 6 de Julho: 27.

Sousa, Judite de. 2005. Um homem livre. In *João Amaral in Memoriam*. Editado por Luísa Gueifão Ferreira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 107-108.

### **Webografia**

<http://www.iep.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/Instituto/Corpo%20Docente/João%20Carlos%20Espada.pdf> [em 24.11.2011])

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Lucas\\_Pires](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Lucas_Pires) [em 24.11.2011]

[http://pt.wikipedia.org/wiki/José\\_Manuel\\_Fernandes](http://pt.wikipedia.org/wiki/José_Manuel_Fernandes) [em 24.11.2011]

<http://www.wook.pt/authors/detail/id/39832> [em 24.11.2011]

[http://www.ucp.pt/site/resources/documents/IEP/Pós-Graduação,%20Mestrado%20e%20Doutoramento/CVs%20Docentes/CV%20Mestre%20Miguel%20Monjardino%20\\_d\\_.pdf](http://www.ucp.pt/site/resources/documents/IEP/Pós-Graduação,%20Mestrado%20e%20Doutoramento/CVs%20Docentes/CV%20Mestre%20Miguel%20Monjardino%20_d_.pdf) [em 24.11.2011]

<http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutoId=7717> [em 24.11.2011)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Ant%C3%B3nio\\_Saraiva](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Ant%C3%B3nio_Saraiva) [em 20.12.2011]).

<http://www.wook.pt/authors/detail/id/8545> [em 23.12.2011]

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel\\_Villaverde\\_Cabral](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Villaverde_Cabral) [em 28.12.2011]

<http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=lucpires> [em 16.03.2012]

<http://www.novacidadania.pt> [em 16.03.2012]

Palavras chave: Unificação Alemã, imprensa periódica portuguesa de referência,  
*Cultural Studies, Medienkulturwissenschaft*